

O ALMIRANTE BARROSO – REMINISCÊNCIAS

TOBIAS MONTEIRO^(*)
Jornalista
(*In memoriam*)

Esta matéria sobre o Almirante Barroso foi encaminhada à Redação pelo Coronel Antonio Gonçalves Meira por meio do nosso eminente colaborador Almirante Helio Leoncio Martins.

A gentileza do Coronel Meira, nos trazendo páginas tão especiais e de autor do quilate de Tobias Monteiro, merece o agradecimento da *Revista Marítima Brasileira* e da Marinha do Brasil.

Por certo os nossos leitores serão contemplados com revelações pouco conhecidas e peculiares da filha do Almirante Tamandaré e do próprio filho de Barroso...

A matéria foi publicada no “Anuário do Estado do Rio Grande do Sul”, em 1909.

De forma a brindar os leitores com a pérola recebida, reproduzimos aqui suas páginas originais.

(*) N.R.: Tobias do Rego Monteiro, nascido em Natal (RN), em 1866, foi jornalista, banqueiro e político. Após a Proclamação da República, trabalhou no *Diário Oficial*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Commercio* e *Correio Paulistano*. Esteve exilado em Buenos Aires, durante o governo de Floriano Peixoto. É considerado um dos maiores historiadores do País, com destaque para as obras *História do Império – a elaboração da Independência* (1927), *Pesquisas e depoimentos para a História* (1931) e *O Primeiro Reinado* (1939-1946). Foi senador entre 1921 e 1923. Faleceu em Petrópolis (RJ), em 1952.

O Almirante Barroso

REMINISCÊNCIAS

No dia 21 de abril de 1908, em que entrou no porto do Rio de Janeiro o encouraçado *Almirante Barroso* conduzindo os restos mortaes do Almirante Barroso, o *Jornal do Commercio*, d'aquella cidade, publicou o seguinte artigo:

Não são facéis de colher reminiscências de mais de quarenta annos atraz. Vão-se da memoria, em tao longo periodo, episodios e minucias que dariam vida aos factos, que se querem evocar. Mas o essencial é descobrir a entrada do caminho, o trilho das pesquisas que se devem seguir.

Para saber de Barroso restá pouca gente que o tenha conhecido na infância ou servido sob as suas ordens.

Apezar das minhas velhas relações nas rodas da marinha, lembrei-me que antes de tudo era preciso ir ver alguém, em cuja casa ha uma especie de sacrario das nossas tradições navaes.

No morro do Mundo Novo, num sitio pittoresco que abre sobre a enseada de Botafogo, vive D. Euphrasia Marques Lisboa, filha do Almirante Tamandaré. Quem não a conhece, como eu, não pôde imaginar a lucidez de intelligencia, a vivacidade de memoria, a paixão das tradições nacionaes que fazem da sua palestra uma messe de informações preciosas.

Tinha ido vel-a um dos ultimos domingos, sem prévio aviso, e esperava-nessa vasta sala, onde ella reuniu o seu pequeno muscu de recordações historicas. Todas as paredes, todos os cantos nos fallam da marinha. Quadros que representam navios, combates e retratos de heróes, trophéos, balas empilhadas sobre o chão, relembram peripecias do mar. A sua devoção monarchica tambem está alliada á paixão da sua ascendencia. O mais precioso dos seus retratos do imperador figura-o em plena mocidade, a bordo de um dos nossos velhos navios desaparecidos.

Quando lhe annunciei o objecto da minha visita, sorrio com mais alma:

-- Pois não. O tio Barroso! não imagina como era bom!

Eu já sabia que era esse o tratamento que a filha de Tamandaré dava ao heróe de Riachuelo. Ella deu-me a razão

Barroso era dous annos mais velho que o Marquez, pois nascera em Lisboa em 1805. Mas ainda muito meninos, encontraram-se ambos pela primeira vez na aula de inglez do Padre Trilby, cuja escola funcionava num predio á rua General Camara, que o mestre deixou a Barroso, o seu discipulo predilecto.

Barroso foi depois para a Escola Naval e Tamandaré começou tambem a vida do mar. Mais tarde, quando se ferio a guerra da Independencia, os dous encontraram-se na esquadra de Cochrane, voluntarios sob a mesma bandeira. Desde então trataram-se de irmãos e essa ligação durou toda a vida. Até morrer, Barroso escrevia a Tamandaré chamando-o «My brother» ou «Dear brother». Na volumosa correspondencia dos dous é rarissima uma carta de Barroso que comece de outro modo. A excepção é quasi sempre constituída pela invocação «Lisboinha»: mas todas as cartas são escriptas em portuguez.

Vem dahi, dessa confraternidade do coração e da causa commum, a indignação com que Tamandaré retorquia a quem considerasse Barroso portuguez: «Portuguezes eramos todos nós antes de vinte e dous; elle é mais Brasileiro que muitos que aqui nasceram, porque se bateu pela Independencia.»

Depois da Independencia os dous ainda combateram juntos nas primeiras dissensões civis que ensanguentaram as provincias. Quando Andréa foi mandado ao Pará soffocar a revolta dos Cabanos, Barroso e Tamandaré encontraram-se de novo e ainda mais se ligaram.

Um dia puzeram-se ambos a nado no Tocantins, com o fim de reconhecer uma ilha, que ficava distante. Barroso nadava mal e quando morreu ainda não sabia nadar. Na volta, a correnteza era forte e Tamandaré sentiu que o companheiro afogava: aproximou-se e ouviu-o dizer desalentado: Deixa-

me ficar, salva-te tu.» Tamandaré nadava como um peixe; «Segura-te ao meu hombro e não faças movimento algum.»

Ainda pouco tempo antes de morrer, dizia Barroso: «Eu devo a vida a meus pais e ao Lisboinha.»

Lisboinha era o nome que se escutava na intimidade dos dous heróes. D. Euphrasia queria que eu ouvisse de outra origem tudo quanto ella me dizia. Não que já se apagassem as impressões que guardava. Via ainda bem tio Barroso, quasi alto, forte, hombros largos, completamente encanecido, corado, os olhos azues, muito calmo até no fallar, amando a convivencia, homem de salão, maneiroso, gentil com as damas, par incansavel nos bailes, sobretudo extremamente bom, fallando com doçura ás mais humildes creaturas.

— «Vem cá», disse ella a uma velha criada que passava. «Lembras-te do tio Barroso? Elle não era muito bom?»

A velha pôz-se a contar quanto elle se fazia querer. A's vezes, quando penetrava no quarto em serviço, procurava demorar-se para ouvir a conversa dos dous. Barroso na cama e Tamandaré deitado no chão ao seu lado, reviviam tempos de juventude: fallavam de moças, de aventuras e Barroso inqueria: «Lembras-te, Lisboinha?»

Depois da guerra, Barroso vivia entre o Rio e Montevidéo, e, quando aqui, sempre hospede de Tamandaré. Muito caseiro, sobretudo á noite não sahia; cercado de moças, brincava, ria, com bom humor e graça que nunca lhe faltaram.

Quando a catarata lhe apagou os olhos, a sua resignação foi admiravel. Fazia rede de linha para matar o tempo.

Operado aqui sem resultado, recobrou a vista na Europa. Foi então que passou em Lisboa e quiz ver a casa onde nasceu. O seu intento pareceu extranho; mas declinado o seu nome, o morador deixou o entrar, ficando espantado de ouvi-lo recordar todos os cantos que deixára menino.

De volta aqui, quatro vezes Barroso adiou a viagem para Montevidéo. Parecia um presentimento. Pouco tempo depois de lá chegar, resfriou-se e morreu de uma pneumonia.

— Mas ha ainda tanta cousa a respeito d'elle! Por que não vai ver Francisco? Francisco pôde dizer-lhe muito.

A custo consegui descobrir a casa do filho de Barroso. Na rua Senador Eusebio n. 91 ha um largo portão que dá entrada para uma «avenida» de casinhas, alinhadas de um e outro lado. As primeiras do lado par têm aspecto melhor e numa delles, de n. 2, mora o Sr. Francisco Barroso.

Um lampeão de kerozene sobre uma pequena mesa, forrada de papel carmezim; seis cadeiras, tres de assento de palhinha e tres inteiramente de páo; na parede, em quadro envidraçado, um diploma colorido de socio da Associação dos Empregados do Commercio, constituem a mobilia e o adorno dessa triste morada.

Apenas um momento para philosophar ácerca da gloria e o destino da prole dos heróes, e logo ouvi dos fundos da casa uma voz animada, que vinha dizendo: «Já o esperava; já lá vou».

Guiado pela mão, o filho de Barroso appareceu, tactegou a cadeira que lhe offereciamos e assentou-se.

Era um ancião de sessenta e oito annos, de estatura mediana, magro, vestido pobremente, em quem logo presenti, apezar de seu infortunio, um fundo de intelligencia e bom humor, que faziam lembrar tudo quanto me tinham dito da bondade e resignação do pai.

— Eu tambem tive um pedaço da vida no *Journal*. De sessenta e um a sessenta e dous fui empregado no escriptorio. Estive lá justamente todo o tempo da guerra.

Passou então a fallar-me do pai e começou, sem rodeios, com grande franqueza;

— Lembra-me que a primeira vez que o vi já tinha sete annos, pois como sabe sou filho legitimado.

As recordações dessa época, porém, são muito vagas. De cincoenta e um em diante é que ellas se tornam vivas. Barroso era então commandante, pois sempre commandara; ainda 1.º Tenente tivera o commando de uma presa argentina. Aos domingos o filho ia para bordo almoçar em

sua companhia e lembra-se bem do carinho com que elle o tratava. Barroso estava então em plena madureza e tinha o rosto forte completamente raspado. Só muito mais tarde deixou a barba crescer.

Esse homem apumado, trajando com esmero, despia, para trabalhar, o elegante uniforme, se exigia assim a sua tarefa. Era nesses domingos, passados a bordo com o filho, que achava tempo para examinar o lastro do navio. Elle dava a essa condição de estabilidade uma grande importância e não ficava tranquillo sem verificar se tudo estava bem arrumado. Chegava á entrada do porão, despia a farda, punha-a no hombro do filho, na cabeça punha-lhe o bonet e em mangas de camisa descia com um marinheiro á frente. O pequeno via-o desaparecer nas entranhas da náu.

Outras vezes levava-o a uma ilha proxima e lá talhava e cosia os panos do velame. Elle proprio havia de cortar as suas velas; era na punção do seu aparelho que confiava em dias de borrasca. «Eu navego sem vento no porão», costumava explicar, como a mofar dos marinheiros que esperavam tudo do vapor.

Os seus cuidados a bordo davam-lhe a reputação de quasi impertinente; ao seu lado os jovens officiaes estavam seguros de aprender, sobretudo a ser justos. A fama da sua justiça era tão grande como a da sua bondade.

Entretanto esse homem, tão devotado á sua carreira, aconselhava aos filhos que fugissem della. «Sê tudo, até sapateiro, mas não sejas marinheiro».

Justamente em cincoenta e um ou cincoenta e dous, mais ou menos, Barroso foi designado para fazer a primeira viagem de um navio brasileiro ao Pacifico. O filho estava no Collegio Victorio e nunca mais se ha de esquecer da affectuosa despedida que o pai lhe foi fazer, deixando-lhe uns mil réis para doces. Recommendava-lhe que estudasse, mas repetia-lhe o conselho em estribillo: «Tudo; até sa; ateiro!»

A' proporção que o filho ia crescendo, elle ia alargando as suas palestras, narrando-lhe: peripecias de viagens, anedotas de personagens com quem lidára. O famoso General Andréa era objecto de repetidas referencias. Contava Barroso que um seu collega atravessava um dia uma rua do Pará, onde bem perto havia um quartel. Um paisano approximou-se e perguntou-lhe: «Conhece o senhor o Commandante das armas?» O official respondeu que não e o desconhecido seguiu. Adiante ouviram-se toques de clarim e rufos de tambor; a guarda apresentava as armas ao paisano. «Foi a tua felicidade», dizia Barroso ao companheiro; «era Andréa; não lhe tinhas feito continencia e estarias preso se respondesses sim.»

Do theatro da guerra Barroso escrevia ao filho muitas vezes. A carta que annunciava a batalha do Riachuelo era laconica e jocosa. Nas cousas mais sérias da vida Barroso achava sempre meio de infiltrar um pouco do seu bom humor. Essa carta perdeu-se. Depois, em oitenta e um, veio para o filho a mesma desgraça do pai; em vez de catarata, um deslocamento da retina. Nenhum papel se salvou, foi peor que um incendio.

Não sabe o filho do Barroso se terá desaparecido tambem uma carta prophetica, que a Viscondessa de Tamandaré escreveu do Rio ao heróe do Riachuelo na manhã do dia 11 de junho de 1865. A carta começava assim: «Hoje é domingo da Santissima Trindade e Deus ha de abençoar as nossas armas». Lembra-se, porém, como se fosse hoje, do que se passou a 30 de junho, quando chegou a noticia da victoria.

Foi Orozimbo Muniz Barreto quem levou a boa nova a Montevidéo, donde logo partio para o Rio, sob o commando do 1.º Tenente Teixeira de Freitas, o transporte *Oyapock*. Na manhã de 30 avisou o Castello que havia passado diante da ilha de S. Sebastião um navio de guerra, embandeirado em arco e salvando á terra.

Eram oito horas; o filho de Barroso estava no seu posto, no balcão do *Jornal*, recebendo assignaturas, na azafama de um fim de semestre. Apitou no tubo acustico e communicou á redacção a alviçareira nova. Adet saio ás pressas dos seus aposentos e começou a providenciar ácerca da impressão de um boletim para a porta. Dentro de pouco tempo a rua do Ouvidor era intransitavel entre Ourives e Quitanda.

Ao meio dia as salvas do mar annunciavam a entrada do *Oyapock*. O velho Mesquita correu a bordo e trouxe os jornaes de Montevidéo. A' tarde o *Jornal* distribuía um grande boletim, do tamanho de uma pagina. A cidade

delirava. O nome de Barroso passava de bocca em bocca: o filho exultava, retribuindo apertos de mão e abraços a muita gente que o vinha procurar.

Leonardo de Araujo, de parte, considerava talvez que «o serviço estava sendo prejudicado»: por fim não se conteve: aproximou-se e advirtiu-o: «Sr. Barroso, lembre-se que o senhor é empregado do *Journal do Commercio*».

A guerra ainda proseguia quando em janeiro de 1868 o heróe veio ao Rio em companhia de Tamandaré. Tinham entrado quatro ou cinco navios nesse dia. O filho aproximava-se ansioso de uns e outros, até que na amurada de um delles descobriu Henrique, seu irmão, hoje morto, par no casal que Barroso tivera por casamento em Montevidéu e do qual resta D. Izabel Savedra. Barroso estava tranquillamente na camara. Depois veio o Imperador que abraçou os dous Almirantes e com elles e o Ministro Affonso Celso almoçou a bordo. Nesse dia Barroso foi promovido a Chefe de Esquadra, agraciado com a dignitaria do Cruzeiro e nomeado Veador da Imperatriz.

Depois da guerra, veio de novo aqui para assistir ao lançamento ao mar do cruzador *Almirante Barroso*, que em 1893 se perdeu no Mar Vermelho. Escrevendo a um amigo ácerca dessa cerimonia, dizia elle: «Lançaram-me hoje ao mar; estou mal, porque não sei nadar.»

Barroso era esquivo ás honrarias. Dessa vez subio a Petropolis sem nada dizer a ninguem, com o proposito de cumprimentar a familia imperial. Nessa mesma noite a Princesa Isabel soube que elle se achava alli e mandou pedir a varias de suas amigas que illuminassem a frente das casas. Na manhã seguinte o Imperador encontrou-o na rua e levou-o ao palacio. «Trago aqui o teu Veador», disse Sua Majestade, apresentando-o á Imperatriz.

Pouco tempo depois Barroso estava reformado e cego. Dez annos ficou então em Montevidéu até morrer.

— Parece, ponderei a seu filho, que o povo lhe adivinhou a quasi indifferença ás honras do Estado. Raros saberão que elle foi Barão do Amazonas. Apezar desse titulo estar ligado á sua gloria, o que ficou para a posteridade foi simplesmente o seu nome. Tambem só um nome resisiu como o delle aos titulos do Imperio, o de Osorio. E os dous ficaram os mais lendarios da guerra.

Até á despedida, o filho parecia reviver o espirito do pai:

— Desculpe se o não acompanho ao portaló; sou cego. Mas diga se quer, e mando formar a guarda.

Restava-me ouvir algum dos sobreviventes de Riachuelo, que são bem poucos. De todos a quem poderia fallar, estava indicado o Almirante Carlos de Noronha, que era o official de quarto a bordo do *Amazonas*, na manhã de 11 de junho.

— Eu e meu irmão Julio vivemos com elle muito tempo, conhecemos-o a fundo, como homem e como marinheiro. Nunca conheci homem melhor; chefe mais perfeito, talvez só Tamandaré.

Antes de relembrar o combate, esteve o Almirante a descrever-me o character de Barroso, insistindo sobretudo ácerca da sua bondade. Depois referio-me varios dos seus ditos e anedotas. Havia para elle phrases feitas, repetidas a cada instante para definir situações identicas. Quando queria accentuar que cada um carregava com a sua responsabilidade: «Cada pão aguenta com a sua vela.» Quando queria mostrar que embaraçavam ou demoravam a execução das suas ordens: «Estou eu a pôr sebo e você a pôr arêa.» Quando queria dizer que as cousas não marchavam bem no Brasil: «Se o direito fosse torto, ninguem andaria melhor que nós.»

Quem servia com elle algum tempo acabava por contar com as suas perguntas e respostas em determinadas circumstancias. Toda a vez que á noite subia á tolda, era infallivel fazer esta pergunta: «Ha alguma novidade?» Ouvindo alli a voz do chefe, o official de quarto já respondia machinalmente: «Não, senhor.» Mas um dia Barroso variou: «Ha vigilância?» O official accudiu promptamente: «Não, senhor.»

— Está bem, este ao menos confessa a verdade.

E proferindo estas palavras, que intrigaram o official, Barroso desceit, procurando o commandante, interpellando-o ácerca do descuido que ia a bordo. Foi então que se explicou o quiproquó.

Os officiaes consagravam-lhe muito respeito, mas os que tinham espirito não deixavam passar oportunidade de embaraçal-o com uma boa resposta.

Barroso quasi nunca sabia o nome dos navios; conhecia-os pelo nome dos commandantes: o navio do Gomensoro, o navio do Barbosa, o navio do von Hoonoltz. Certa vez perguntou ao guarda-marinha Alves Barbosa, que servia ás suas ordens: «Como se chama aquelle navio, que está fazendo signaes?» Barbosa respondeu: «Não sei, não, senhor.»

— Quando eu tinha o seu posto sabia tudo isso.

Barbosa retorquiu: «Muito me admira Almirante, que V. Ex. como guarda-marinha soubesse tudo isso e hoje como Almirante, não.»

— Tem razao, tem razao, concluiu Barroso voltando-se.

Quem lhe respondesse assim, nunca o irritaria, porque elle tinha por principio que quem mandava tinha que dar o exemplo. Se havia alarma era o primeiro a dormir na tolda. Quando a esquadra já estava em Corrientes, houve receios de que os Paraguayos viessem atacal-a de novo. Durante um mez inteiro Barroso passou as noites no convés, fardado e armado, recostando a cabeça sobre uma bandeira enrolada.

Fazia mais. A munição das espingardas de 17, usadas pelos fusileiros navaes, estava reduzidissima nas vespersas do combate. Barroso passava as noites sózinho com um crevente a preparar cartuchos.

— Tal foi o chefe que nos guiou á victoria em Riachuelo, dizia-me com orgulho o 2.º Tenente que o tinha avisado da approximação do inimigo.

Narrou-me então o Almirante Noronha que estava fazendo o quarto das oito ao meio dia, quando ás oito e meia, no momento em que se preparava o altar para a missa, o cabo-marinheiro o avison: «Estão fazendo signal na *Mearym*. *Mearym* era o navio da vanguarda, commandado por Elisiario Barbosa. O signal era raro; foi preciso recorrer ao codigo. Não havia duvida: era isso mesmo: «Os navios avistados são inimigos.» O tenente tomou o binoculo e pôde verificar que a *Taquary*, navio paraguayo, atravessava de Guacas para Corrientes. O rio era sinuoso; havia ainda algum tempo para que se approximassem da nossa esquadra.

Num pulo o Tenente desceu á camara, onde Barroso almoçava:

— Sr. Chefe, avistam-se navios inimigos.

— Não é possível, senhor.

E proferindo estas palavras, Barroso ergueu-se subitamente e correu ao passadiço. Carlos de Noronha bateu á porta do camarote do irmão, que respondava do quarto anterior, e acordou-o: «Vai-te embora, não brinques», respondeu-lhe o irmão estremunhando.

Os segundos passavam como relampagos. Quasi ao mesmo tempo que o Chefe, o official de quarto chegou ao passadiço.

— Mandé tocar a postos, ordenou Barroso.

A guarnição já estava formada.

— Mandé suspender estes quatro navios maiores, continuou o Almirante.

Mas, de bijnoculo assestado, verificava que não eram simples manobras para os lados de Corrientes. Eram oito navios, rebocando seis chatas, que desciam o rio, marchando contra nós.

— Mandé suspender todos os navios, gritava Barroso.

Não havia um momento para perder. O *Amazonas* estava sem pratico. Bernardino, o pratico correntino, em quem elle tanto fiava, fôra á terra, num bote, assistir á matança de umas rezes, que na vespera tinham vindo offerer á esquadra. A nossa gente já estava a um terço de ração: feijão, farinha e arroz. Barroso resolveu passar para a *Parnahyba*, onde arvorou o pavilhão. Apenas, porém, alli chegou, eis que o pratico já tinha regressado. O chefe não hesitou: voltou ao *Amazonas*. Recomeçaram as ordens.

— Chame o carpinteiro e mande pregar no mastro grande este signal.

Signal pregado é signal que não se arria. O signal tremulava, espalhando em toda a esquadra um fremito de enthusiasmo: «O Brasil espera que cada um cumpria o seu dever».

Nunca mais, até ao por do sol, Barroso abandonou o passadiço.

Os paraguayos desceram o rio, trocando com os nossos navios um fogo atroz. Recolhidos num reconcavo, protegidos pelas baterias de terra, cahiam fortemente sobre a *Parnahyba*, encalhada, e o *Jequitinhonha*, que ficara em seu soccorro. Já havia abordagem.

Eram cerca de duas horas. O *Amazonas* descêra o rio do lado opposto e era urgente voltar, para cahir sobre o inimigo. Barroso, que nunca perdia a calma, insistia com o pratico: «Vamos voltar, adiante, á toda força».

Tinha concebido os golpes de prôa, que deviam inutilizar os navios paraguayos.

— «No se puede, señor, hay piedras», objectava Bernardino.

O rio era um dedalo e tinha baixado muito. Mas Barroso não se conformava: «Adiante, Bernardino!»

— Todavía no, señor; hay piedras.

Pôde-se dizer que o rio não tinha mysterios para Bernardino; elle lia sobre as aguas tudo o que havia occulto no fundo da corrente. Por fim a sua pericia indicou o canal franco, a área aberta a acção de Barroso, e os golpes do *Amazonas* afundaram os navios inimigos ou os fizeram fugir. Era a victoria.

Barroso chamava a Bernardino o «rei dos praticos» e numa carta a Tamandaré, em 14 de junho, exaltava-lhe a pericia e dava-lhe grande parte dos louros.

Só ao pôr do sol cessára o fogo das baterias e dos navios que perseguiam os fugitivos. Veio então a bordo do *Amazonas* uma commissão de officiaes do exercito, entre os quaes figurava Tiburcio. Barroso recebeu cumprimentos calorosos e quando elles partiram disse simplesmente, com fleugma, como se nada tivesse havido de extraordinario: «Foi quente, foi mais quente que em 1816!»

— O quadro de Victor Meirelles representa bem o combate?

— E' bem fiel, respondeu o almirante. Victor Meirelles era muito consciencioso; só lá esteve depois da batalha; mas estudou o sitio e os navios demoradamente. Depois, em outras emergencias, muitas vezes o vi calmamente, fazendo esboços no meio do fogo.

— Nunca mais vio Barroso, almirante?

— Continuei sob as suas ordens por muito tempo; vio-o de relance no Rio, depois da guerra, e a ultima vez que estivemos juntos foi em Montevideo. Eu commandava no porto e elle foi visitar-me em terra, já cego. Conversámos muito do passado e da nossa carreira. Em certo momento inquirio-me: «Sabe o que eu considero a minha maior gloria na vida militar?» Não hesitei um instante: «Não ha que discutir, almirante, Riachuelo.» — «Qual! Está enganado. A minha maior gloria é ter ido de aspirante a almirante sem fazer mal a ninguem».

Tobias Monteiro.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES>; Barroso; Tamandaré; Riachuelo;

O passeio à Ilha ocorre de quinta a domingo, às 13h, 14h30min e 16h, saindo do cais do Espaço Cultural da Marinha, à Av. Alfred Agache s/nº, na Praça XV.

Informações:

(0xx-21)

2233-9165



O Último Baile da Ilha Fiscal

A orquestra tocava animada. Belas mulheres desfilavam pelo salão, ostentando vestidos suntuosos. Os homens, trajando casacas ou elegantes uniformes, falavam sobre política, histórias de guerra, batalhas navais. Lá fora, o som das ondas do mar complementava os acordes dos violinos. O cenário era perfeito. A Ilha Fiscal, construída com requinte para servir como posto alfandegário, recebia com pompa a oficialidade do encouraçado chileno *Almirante Cochrane*.

Ninguém poderia imaginar que aquele seria o “Último Baile do Império”. Alguns dias depois, era proclamada a República. Uma nova era na História do Brasil se iniciava.

A Ilha Fiscal continua sendo um elo entre o presente e o passado. Em 1913 foi adquirida pela Marinha em troca do Vapor *Andrada*. Décadas se passaram e o castelinho, que testemunhou tantos fatos históricos, é hoje uma das principais atrações turísticas do Rio de Janeiro. Aberto à visitação, inclui em seu roteiro o Torreão, a Ala do Cerimonial e exposições permanentes. Venha conhecer este símbolo dos últimos dias do Império, e muito mais, como a participação e os projetos da Marinha na Antártida!